

# humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA  
MCMXLVIII-MCMXLIX

Vários capítulos com subdivisões variadas auxiliam a consulta, que só uma pesada mancha tipográfica desfavorece. Os dois primeiros abrangem as obras e artigos publicados, entre 1939 e 1945, referentes à literatura grega e latina. Os dois seguintes falam-nos das histórias da Grécia e de Roma. O quinto contém os estudos relativos à religião grega e romana, o sexto trata da arqueologia e excavações da Grécia e da Itália.

Estes vários capítulos, de que G. B. A. Fletcher foi o organizador, são porém devidos à informação de P. Maas, do próprio Fletcher, de F. W. Walbank, de H. H. Scullard, de H. J. Rose, de Dorothy Tarrant, de T. J. Danbabin e de A. W. Van Buren, respectivamente. O segundo é também utilíssimo complemento da *Bibliographie de la littérature latine* publicada por N. I. Herescu, em 1943 (ed. «Les Belles Lettres»), a que G. B. A. Fletcher faz, no entanto, algumas rectificações.

Duas palavras ainda relacionadas com esta breve notícia. Na lista de boletins, revistas e periódicos consultados, de várias línguas e povos, surpreende verificar que não figura um nome sequer de obra portuguesa. Sem dúvida, só a partir de 1947 apareceu em Coimbra a *Humanitas*, que está fora do âmbito cronológico desta bibliografia. Mas não é de crer que em Portugal e no Brasil nenhuma revista haja publicado artigos de estudos clássicos e que, durante o período de 1939-1945, nada tenha vindo a lume em português, de maior ou menor mérito. Folheando a «Biblos», as «Memórias da Academia das Ciências de Lisboa» e o «Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos de S. Paulo», fácil seria encontrar alguns trabalhos referentes a assuntos clássicos.

Não obstante, ao vermos o número de estudos constantes desta excelente bibliografia e aparecidos em países sacudidos mais duramente pela guerra do que nós, pensamos que este simples facto deve ser posto em evidência para que daí se possam tirar as ilações que comporta. Uma coisa é certa, no entanto: é que, por esse mesmo motivo, para nenhum país a presente bibliografia poderá ser mais útil do que para o nosso.

F. COSTA MARQUES

## COLECTÂNEAS

FACULTÉ DES LETTRES DE L'UNIVERSITÉ DE POITIERS — *Mélanges littéraires et historiques publiés à l'occasion du centenaire de sa restauration (8 octobre 1845)*. Paris, Les Belles Lettres (depositária). Public, da Universidade de Poitiers.

A Faculdade de Letras da Universidade de Poitiers tem passado por vicissitudes várias no decurso da sua longa e brilhante existência. Suprimida pela Revolução Francesa, restabelecida pelo Império napoleónico,

novamente extinta pela Restauração, para ser finalmente reposta pela Monarquia de Julho, devido à influência de Guizot, Villemaine Cousin, — em 18 de Novembro de 1845, com a maior solenidade, o crítico literário Saint-Marc Girardin, como delegado ministerial, procedeu à sua reinstalação. E é este centenário, tão grato aos corações dos continuadores da notável Faculdade, que jubilosamente, após as provações por que a França passou, e que a própria Faculdade sentiu no seu corpo e na sua carne <sup>(1)</sup>, esta miscelânea vem comemorar.

Gomo o nome o indica, trata-se de vários estudos de literatura e de história, entre os quais se encontram valiosos trabalhos de filologia clássica. Colaboram professores e cientistas ligados à Faculdade de Poitiers, e entre os artigos insertos neste volume apraz-nos a nós, portugueses, citar «Um rei de Portugal refugiado no Poitou no século xvi», de R. Cantelet, professor do Liceu de Poitiers e encarregado do ensino de Português (vejam-se as pp. 240-245), simpática homenagem ao infeliz D. António, Prior do Crato.

O decano da Faculdade, J. Descroix, a quem se deve, entre muitos e valiosos trabalhos, uma excelente tradução dos *Epigramas Latinos* de Paradin, dá-nos um interessante trabalho intitulado *Notas sobre a composição do escudo de Eneias (Eneida, VIII, 608-731)*. Virgílio não teria querido fazer uma descrição minuciosa de uma obra de arte, segundo os modelos da poesia alexandrina: caminhou deliberadamente no domínio narrativo da história. O escudo de Eneias será assim um simples resumo dos fastos de Roma, de Rómulo a Augusto, criação patriótica e não produção objectiva. Por isso a disposição dos quadros no escudo é propositadamente vaga. O A. menciona e critica as interpretações de Faider e Constans. A divisão tradicional em grupos de sete quadros fica de pé: além do conceito célebre — *impari numero deus gaudet*, existe a imitação servil de Sílio Itálico (*Punica*, 11, 406-452), que apresenta igualmente um grupo de sete quadros.

Pedro Guillon, antigo membro da Escola de Atenas e professor de Língua e Literatura Gregas, ocupa-se do *manto de Estrepsiades* (Aristófanes, *Nuvens*, vv. 11,54-55, 267...), — observações suscitadas por ter sido esta peça aristofânica representada através de várias regiões da França pelo grupo de Teatro Antigo da Faculdade, sob a direcção deste professor, o que levou o A. a procurar esclarecer um jogo de cenas no geral mal interpretado, e que aparece várias vezes no decurso da mesma comédia. Trata-se da exibição, para efeitos cénicos, do manto esburacado de Estrepsiades, velho avarento, casado com uma mulher gastadora e amiga do luxo.

<sup>(1)</sup> Alguns dos seus professores, como Carré, o autor de um notável estudo acerca do *Anti-Pascal* de Voltaire, e também alguns dos seus alunos, sofreram deportação, e outros morte violenta, durante o domínio nazista em França.

O tradutor da edição Budé de Aristófanes, H. van Daele, atribui a *σπα^άν* um sentido obsceno. Guillon, porém, entende que tal sentido comprometeria a possibilidade de suscitar imediatamente o riso, — tanto mais que esse sentido licencioso nos aparece com Luciano, posterior a Aristófanes. O jogo consistirá simplesmente na exibição do manto, que, no estado em que se encontra, é um verdadeiro símbolo da aspereza campestre e da cruel experiência da vida conjugal do velho. O espectador recordar-se-á constantemente desta ideia, que percorre toda a comédia, desde o prólogo: o próprio Sócrates é apresentado através das impressões do homem do *manto esburacado*.

H. Bardon, mestre de conferências de Filologia e Antiguidades Gregas e Latinas, escreve acerca da *formação de Tácito* interessante trabalho, que acompanha cuidadosamente a preparação do escritor, do pensador, do historiador, e onde se pode ver desde o início aparecer a figura do Tácito da maturidade, através das influências, bem ou mal assimiladas, quanto à psicologia e ao estilo, desde Cícero a Salústio e Albinovano Pedão, e assistir ao desenvolvimento da sua personalidade e do seu gênio.

*As importações de Montaigne a Herodoto na «Apologie de Raymond Sebond»* são objecto de um artigo de Emílio Feuillatre, professor do Liceu de Poitiers e encarregado de conferências de Grego. Foram poucas essas importações, apenas com um fim de documentação, pois Montaigne, de preferência, utilizava como fonte Plutarco.

Referimo-nos em especial, como é próprio da índole desta revista, aos estudos concernentes à filologia clássica. Os trabalhos de história geral e literária que preenchem o resto deste belo volume em nada desmerecem os restantes. É motivo para endereçarmos à Faculdade de Letras de Poitiers os nossos melhores parabéns, pela ótima publicação com que comemorou o primeiro centenário da sua feliz restauração.

FELISBERTO MARTINS

*Mélanges de la Société Toulousaine d'Études Classiques* —

t. i, 1946, 341 pp ; t. ii, 1948, 241 pp. Toulouse, Edouard Privat,

Estes dois suculentos volumes reúnem as memórias apresentadas à «Société Toulousaine d'Études Classiques», desde a sua fundação em 1836. O primeiro tomo alcança os trabalhos elaborados até 1942, e aparece, na quase totalidade, como foi redigido, entre 1941 e 1942, sem a necessária actualização, que o aparecimento de estudos ulteriores postularia.

O facto é, porém, compreensível, atendendo às circunstâncias anormais sob cujo signo decorreu a sua elaboração. Através dos horrores de temerosa guerra, afectaram-no gravemente os calamitosos momentos por que a França passou então: o trabalho foi interrompido várias vezes por dificuldades materiais, e alguns dos colaboradores, arrancados ao labor científico e ao convívio de colegas e amigos, o que, além dos sofri-